

O que a espiritualidade tem a ver com as ciências humanas

Prof. Dr. Nilo Agostini¹

Texto publicado em *Magis*, Rio de Janeiro, n. 45, p. 21-27, 2004.

1. Transição: encruzilhada e busca, hoje

No tocante à espiritualidade, encontramos-nos hoje numa encruzilhada entre visões herdadas do passado, aquelas do momento presente e outras em gestação.

Do passado, trazemos a cosmovisão do mundo repleto do divino, compondo uma ordem estabelecida, na qual cada elemento tinha o seu lugar. A espiritualidade respirava a onipresença de Deus, numa *heteronomia* ampla e difusa. Esta visão contribuiu para a edificação de uma ordem estabelecida marcada pela uniformidade e unanimidade, na qual padrões, papéis, ritos, costumes etc eram pré-estabelecidos. Porém, tal visão era vivida de maneira dualista, sendo a espiritualidade uma realidade separada do corpóreo e do material. O encontro dos seres humanos com Deus (*spiritualitas*, como já aparece no séc. V)² vinha “talhado” pela dicotomia corpo e alma. Numa visão herdada dos gregos e dos próprios maniqueus, o corpo constituía-se numa prisão da alma. Portanto, a vida espiritual era uma constante busca de libertar-se da vida material, degradada, com um cuidado/suspeita constante das relações corporais, recaindo sobre a sexualidade uma visão fortemente pejorativa. Compreendemos, então, que se tenha cultivado uma visão preponderantemente negativa com relação ao humano, ao mundo, ao corpo, à matéria etc.

¹ Nilo Agostini é professor de Teologia Moral, autor de mais de uma dezena de livros (a maioria pela Editora Vozes) e grande número de artigos publicados em revistas especializadas.

² Cf. ESPEJA, Jesús. *Espiritualidade cristã*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995, p. 27.

A emergência da modernidade cria um outro momento, fundado numa visão diversa. Com a afirmação do indivíduo e a sua pretendida emancipação, o ser humano julga-se não mais depender de normas impostas “de fora” (*heteronomia*), declarando a sua *autonomia*, sendo ele o protagonista da ação histórica. Como sujeito livre, autônomo, cioso de seus direitos, o indivíduo moderno navega num mundo que é secularizado; nele, Deus não tem um lugar próprio; o pluralismo se impõe como “natural”; tudo funciona “como se Deus não existisse”. A dimensão transcendente da pessoa não se apresenta como estruturante do existir moderno. Assim, a modernidade proclama solenemente “que as luzes da razão moderna e o avanço do progresso técnico científico iriam, aos poucos, apagar as trevas do mundo religioso tradicional, entronizando o homem secular como cidadão livre das amarras da religião e de Deus... O nosso mundo... se transformaria no campo aberto para o empenho histórico do homem, sem injunções sobrenaturais”³.

No entanto, não é isto que verificamos na ebulição atual, moderna/pós-moderna, tão forte na busca do religioso, do sagrado, do mistério. Há uma busca intensa de alimentar a dimensão espiritual da existência humana. A própria religião “está de novo no palco histórico, movida pela força da emoção, do encanto do sagrado, pela busca de uma identidade como que perdida no complexo mundo globalizado, de múltiplas relações sociais, econômicas, políticas, culturais”⁴. No entanto, a busca religiosa de nossos dias projeta “uma religião nos limites do humano enquanto captado segundo a medida de cada um, segundo demandas individuais”⁵.

O que nos chama a atenção são os deslizes reducionistas nos quais podem incorrer as visões acima. Estes acabam por estabelecer referenciais “relativos” para a vida, não raro com a pretensão de estar propondo a verdade absoluta. O dualismo e sua visão negativa do mundo e do humano, o antropocentrismo e sua proposta racionalista, o individualismo atual como medida até do que está além de si, inclusive na busca do religioso/espiritual,

³ Cf. CALIMAN, Cleto. Apresentação. In IDEM (org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 7.

⁴ *Ibidem*, p. 8.

⁵ *Ibidem*, p. 8.

revelam-se incapazes de responder cabalmente ao ser humano, com deslizes comprometedores.

Estas visões, por si sós, geram sistemas que se bastam por si, deslizando em formas redutoras do humano, comprometendo a qualidade dinâmica da vida. Esta, no dia a dia, não se revela como plena quando sustentada por visões compartimentalizadas, unidimensionais, parciais, fragmentadas ou dicotômicas. Conhecemos como é parcial e onerosa a proposta do dualismo alma/corpo. De igual forma, a pretensão de chegar à verdade ou estipular o que é válido a partir de um saber isolado ou de um campo exclusivo da ciência cria um *cientismo* frágil por fundar-se numa proposta fragmentada da realidade. Enfim, a busca do espiritual/transcendente, enquanto demanda estritamente individual ou mesmo individualista, revela a busca de um Deus ou divindade que se equipara a uma “energia fluida” a disposição de subjetividades liberadas de qualquer tipo de enquadramento institucional, moral, religioso, ideológico, político, filosófico ou cultural, manifestando-se de maneira holista, plural e/ou policêntrica.

Soa a hora de voltarmos ao integral humano, num movimento da vida que abarca todas as dimensões. Com isso, superamos o risco de setorizar a própria vida espiritual, numa separação indevida de realidades que, de fato, formam uma unidade no humano, sem exclusões ou oposições dualistas, fragmentárias ou fluidas e sem rosto. A visão de fundo, que se quer integral, é de inclusão de todas as dimensões fundamentais do humano, bem como de todos os seres da criação, num abraço *teo-antropo-cósmico*. Instaura-se, assim, um dinamismo que a espiritualidade traduz como “uma vida realizada com espírito”, o que implica em dizer que “toda a existência humana, em todos os seus momentos e âmbitos, entra na esfera da espiritualidade”⁶.

2. O necessário empenho pelo humano

Se espiritualidade aponta para uma existência realizada/vivida com espírito, ela compromete a pessoa como um todo: “em seu corpo e em sua

⁶ ESPEJA, Jesús. *Op. cit.*, p. 28, 33.

alma, quando trabalha, come, descansa ou reza; em seus desejos, pensamentos, ações e omissões; em sua dimensão pessoal e social. Não é algo acrescentado; exprime a própria identidade dentro de uma situação. Em vista de nossa condição histórica, a vida espiritual é um processo sempre inacabado, enquanto caminhamos no tempo”⁷.

“Na revelação bíblica, a espiritualidade já se define como uma forma de estar no mundo. Interpretando todos os acontecimentos à luz da fé, e agindo por impulso do Espírito que nos liberta das idolatrias e nos transforma para criar comunidade solidária. Foi essa a vocação da humanidade que, realizada em Jesus Cristo, se vai concretizando pouco a pouco em nossa história de graça e de pecado”⁸.

Aqui urge um empenho pelo humano em sua integralidade, todas as dimensões reunidas, baseadas na dignidade que lhe é própria, no valor da vida, na abertura ao transcendente e num empenho para que todos tenham vida (Mc 8,35; Jo 10,10). O empenho fundamental é o da humanização, no qual o verdadeiramente humano está intimamente ligado ao transcendente, numa unidade entre criação e salvação. Isto se realiza na história, dentro da qual é chamado a crescer “o conhecimento de Deus e do homem”, devendo os cristãos “unir-se aos outros homens para procurar a verdade”⁹.

Todas as ciências fazem parte desta busca de um maior conhecimento de Deus e do homem, norteadas pela busca da verdade. As ciências humanas auxiliam nisto de modo específico ao ocupar-se do ser humano. Desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), acolhemos as muitas ciências, cuja diferenciação dos campos do saber, com sua organicidade própria, “devem ser descobertos e aprofundados em proveito da organização da vida humana e social”¹⁰.

⁷ *Ibidem*, p. 30.

⁸ *Ibidem*, p. 30-31.

⁹ Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n° 15, in CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio. *Constituições, Decretos, Declarações*. 22ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1991, p. 132; cf. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n° 16; in *ibidem*, p. 158-159.

¹⁰ AGOSTINI, Nilo. *Teologia Moral: O que você precisa viver e saber*. 7ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 27-28; cf. GS 36.

O mesmo Concílio Vaticano II, “reconhece a existência de duas ordens de saberes distintos, o da fé e o da razão. Fala em ‘autonomia das realidades terrestres’, reconhecendo os princípios básicos da modernidade e seu processo de secularização. Porém, a Igreja lembra que o reconhecimento da ‘autonomia’ e da ‘diferença’ não significa aceitar a sua ‘independência’ e a ‘separação’. Não se separa fé professada e vida quotidiana”¹¹.

Se é verdade que, diante da variedade de ciências hoje existentes, nos deparamos com o fenômeno da fragmentação do saber, é verdade também que cada ciência oferece uma riqueza toda própria ao ser humano e à sociedade. Numa perspectiva de fé, está claro para a Igreja hoje e, conseqüentemente, para a Teologia que é imprescindível “desenvolver constantemente a reflexão não só dogmática mas também moral, num âmbito *interdisciplinar*, tal como é necessário para os novos problemas”¹².

3. O valor das ciências humanas *ou* a busca comum do “humanum”

As ciências humanas, buscando captar, explicitar e estudar os fenômenos humanos, podem auxiliar o homem e a mulher no seu processo de crescimento. Não os substituem; o ser humano permanece o protagonista deste processo, cabendo a ele a busca e até o enfrentamento das questões últimas da existência humana. Muitas foram as conquistas a partir da razão que as ciências humanas souberam explicitar. Ajudaram e ajudam a descobrir o rico dinamismo do humano, da sua natureza mesma¹³, o que ele é, suas potencialidades e a possibilidade de ser mais. Existem conquistas irrenunciáveis, fruto do avanço das ciências, captadas pelo Concílio Vaticano II como uma revolução global¹⁴.

O diálogo com as ciências humanas pode ser altamente benéfico, à medida que não se detém numa “idéia” apenas. Permanece, por isso, a

¹¹ AGOSTINI, Nilo. *Op.cit.*, p. 28; GS 43.

¹² JOÃO PAULO II. *Carta encíclica ‘Fides et Ratio’*. Col. “Documentos Pontifícios” n° 275, Petrópolis: Editora Vozes, 1998, n° 30.

¹³ Cf. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n° 44, in CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio. *Constituições, Decretos, Declarações*. 22ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1991, p. 192.

¹⁴ Cf. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n° 5, in CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio. *Op. cit.*, p. 147.

possibilidade de aprisionamento na unilateralidade da razão, ou seja, à medida que esta busca a “construção de uma visão coerente, totalizante do universo, a partir de dados parciais, de uma visão parcial, ou de um princípio único”, segundo o que afirma Edgar Morin¹⁵. Outro aprisionamento é o de achar que, ao partir desta ou daquela ciência, “aquilo que seus instrumentos não conseguem apreender não existe”¹⁶.

“Necessário se faz que as ciências humanas rompam com o paradigma disjuntivo para dar conta de outras dimensões da realidade humana, igualmente significativas, como o não-organizado, o cotidiano e as manifestações do imaginário, resgatando assim, como sugere Goldmann, o seu aspecto filosófico”¹⁷ para poderem ser portadoras de verdade. Segundo Aristóteles, “todos os homens desejam saber”, sendo a verdade o objeto próprio deste desejo¹⁸.

Nesta busca de saber mais, em direção à verdade, as ciências humanas podem trazer uma inestimável contribuição. A Psicologia nos faz adentrar na interioridade da pessoa e compreender melhor as suas potencialidades e os condicionamentos que nela subsistem. A Sociologia nos faz compreender o ser humano no seu contexto social e cultural e como realiza as suas opções. A Medicina desperta a nossa atenção para a vasta problemática da vida quer humana quer de todos os seres vivos, urgindo o desenvolvimento da bioética. A Pedagogia aponta para o poder da educação e o desenvolvimento do humano.

A mensagem do Evangelho não pode descartar as categorias atuais advindas das ciências humanas e sociais ao ser anunciado hoje¹⁹. Estas podem prestar um serviço à vocação teológico/espiritual e evangelizadora da Igreja. O clima é de diálogo, assim explicitado no Concílio Vaticano II: “Sejam suficientemente conhecidos e usados não somente os princípios teológicos,

¹⁵ MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Portugal: Europa-América, 1984, p. 205.

¹⁶ *Ibidem*, p. 54.

¹⁷ LOURENÇO, Mário. *Razão e discurso: os católicos e o controle de natalidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 32.

¹⁸ Cf. JOÃO PAULO II. *Op. cit.*, n° 25, p. 35.

¹⁹ Cf. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n° 62, in CONCÍLIO VATICANO II – *Compêndio. Constituições, Decretos, Declarações*. 22ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1991, p. 214-215.

mas também as descobertas das ciências profanas, sobretudo da psicologia e da sociologia de tal modo que também os fiéis sejam encaminhados a uma vida de fé mais pura e amadurecida”²⁰.

As ciências merecem uma atenção constante e mesmo necessária, pois o ser humano é o centro de interesse comum. A espiritualidade, junto com o todo da Teologia com suas áreas afins, é chamada a um encontro dialogal com as ciências humanas (e outras também). Abre-se a possibilidade e mesmo a necessidade de um enriquecimento mútuo, sem abdicar da interpelação mútua. Afugente-se qualquer pretensão de auto-suficiência de qualquer das partes. Importa, para isso, abraçar sempre uma visão integral do ser humano, tendo como pano de fundo um paradigma integrador e humanizador²¹, aberto a todas as dimensões, incluindo a transcendência, num abraço de toda a criação.

²⁰ *Ibidem*. Neste mesmo parágrafo citam-se outras áreas das Ciências Humanas como: Letras, Artes, História. Cf. JOÃO PAULO II. *Carta encíclica 'Veritatis Splendor'*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993, n° 29.

²¹ ANDRÉS, José Román F. *Teologia moral fundamental*. Tercera edición, Serie Manuales de Teología n° 8, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999, p. 16-18.